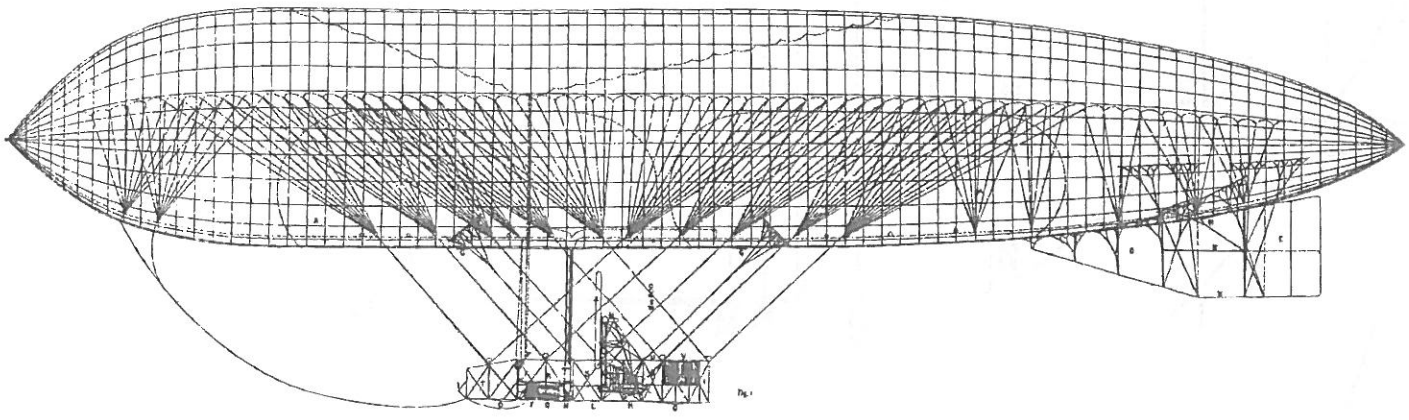
Francisco A.
González Redondo
Coordinador

CIENCIA Y TÉCNICA
ENTRE LA PAZ Y LA GUERRA
1714 1814 1914

Volumen 1



SOCIEDAD ESPAÑOLA DE HISTORIA
DE LAS CIENCIAS Y DE LAS TÉCNICAS

GONZÁLEZ REDONDO, F. A. (coord.) (2015) *Ciencia y Técnica entre la Paz y la Guerra. 1714, 1814, 1914.* Madrid, SEHCYT, pp. 187-194.

JOSÉ ANASTÁCIO DA CUNHA E A CRIAÇÃO DA CASA PIA DE LISBOA

António Leal Duarte[1], Fernando B. Figueiredo[2], Mª Elfrida Ralha[3]

(1) CMUC, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal, leal@mat.uc.pt
(2) CITEUC, Universidade de Coimbra, Portugal, bandeira@mat.uc.pt
(3) CMAT, Universidade do Minho, Braga, Portugal, eralha@math.uminho.pt

Resumen

As modernas ideias científicas e tecnológicas da Europa mais desenvolvida transpoem fronteiras e institucionalizam-se em Portugal com a denominada Reforma Pombalina da Universidade de Coimbra (1770-72), no reinado de D. José. Mais: não só chega a Portugal o pensamento moderno da época como, antecipando a reforma do ensino universitário no resto da Europa, o ensino universitário português faz uma aposta clara nas ciências matemáticas, físicas e naturais, bem como num ensino experimental/laboratorial.

Anos mais tarde, no reinado de D. Maria, surgem outros projectos educativos e científicos igualmente modernos tais como o da criação de uma Academia Real da Marinha (1779) ou o de uma Academia Real das Ciências (1779) e idealiza-se um projeto, porventura, ainda mais revolucionário: o da criação de uma instituição de ensino -também de ciências ditas superiores- destinada, na sua génese, a orfãos e desvalidos à qual se chamou Casa Pia de Lisboa (1780), e que alguns autores reportam como sendo uma "universidade plebeia".

Com base em documentação autógrafa, ainda inédita, recentemente descoberta nos Fundos Setecentistas do Arquivo da Casa de Mateus, exploraremos o papel fundamental que José Anastácio da Cunha (1744-1787) -militar, matemático e poeta- desempenhou na concepção do Plano de Estudos para a instituição; em particular para o colégio de S. Lucas, consagrado às classes científicas.

Palavras Chave: Século XVIII, Matemática, Reforma Pombalina, Casa Pia, José Anastácio da Cunha

JOSÉ ANASTÁCIO DA CUNHA AND THE FOUNDATION OF CASA PIA DE LISBOA

Abstract

Pombal's Reform of the University, in Coimbra (1772) took place in the reign of D. José and, with it, the scientific and technological ideas of the modern Europe were institutionalized in Portugal. This Reform, which occurs some decades before a reformation movement that later will take place in the rest of the Universities in Europe, makes a clear commitment to mathematical, physical and natural sciences as can be seen in the University experimental/laboratory syllabus design.

Some years after, already in the reign of Queen Mary, some other modern educational and scientific educational projects were established, namely the Royal Academy of the Navy (1779) and the Royal Academy of Sciences (1779). At this same time a project, perhaps even more revolutionary, was also conceived: the creation of a scientific and technical institution for education of young orphans

and marginalized people: the Casa Pia de Lisboa (1780), which some authors report as a "plebeian university".

In this paper based on unpublished autographic documentation recently discovered in the archive of Casa de Mateus, we will explore the key role played by José Anastacio da Cunha (1744-1787) -military, mathematician and poet- who designed the educational syllabuses of Colégio de S. Lucas, the school that, in Casa Pia, was devoted to the scientific classes.

Keywords: 18th century, mathematics, Pombal's Reform, Casa Pia, José Anastácio da Cunha.

1. INTRODUÇÃO

José Anastácio da Cunha (JAC) é uma das figuras cimeiras da cultura e da ciência do último quartel do século XVIII português, não exclusivamente como matemático, mas também como poeta. A sua vida não foi longa, morre aos 43 anos de idade, em 1787, deixando-nos um legado que perdura. A sua obra matemática, com destaque para os *Principios Mathematicos* (1790), confirma-o como uma figura de relevo nas matemáticas setecentistas. A sua formação inicial nos Oratorianos, a sua convivência e amizade, enquanto tenente de bombeiros (1762-1773) no Regimento de Artilharia do Porto (aquartelado em Valença do Minho), com oficiais estrangeiros ingleses, escoceses e alemães, cultores de uma heterodoxia ideológica não conforme aos usos e costumes vigentes, e depois o seu percurso universitário como professor (1773-1778) da cadeira de Geometria coincide em grande parte com um dos períodos mais marcantes da história de Portugal: 1750-1777, o reinado de D. José I (1714-1777).

O período josefino caracteriza-se por uma série de profundas transformações transversais a todos os sectores da sociedade portuguesa, levadas a cabo pelo todo poderoso ministro Sebastião de José Carvalho e Melo, Marquês de Pombal (1699-1782). O projecto político-económico empreendido é amplo e centralizador. Visando a eliminação de quaisquer ingerências no poder absoluto régio,

i) a alta nobreza do reino vê-se acossada nos privilégios, a família dos Marqueses de Távora e o Duque de Aveiro são encarcerados e/ou mortos na sequência do famoso Processo dos Távoras (1758);

ii) a Igreja é subjugada, com os Jesuítas a serem expulsos em 1759 e com a colocação de homens da confiança do Marquês nos lugares de topo da hierarquia da Igreja, incluindo o poderoso Tribunal da Inquisição;

iii) o exército é reorganizado sob o comando do conde alemão Willhelm von Shaumburg-Lippe (1724-1777).

Além destas medidas, no campo económico a intervenção é, igualmente, profunda e, como exemplos, contam-se:

i) a criação da Região Demarcada do Alto Douro (1756), para protecção da produção do vinho do Porto,

ii) a criação da Companhia Geral de Comércio do Grão-Pará e Maranhão (1755), destinada a fortalecer o mercado interno com o Brasil ou

iii) a criação da Real Fábrica dos Panos (1764), uma construção monumental destinada a fomentar a indústria nacional das lãs.

No ensino Pombal opera reformas radicais, que marcarão indelevelmente o reinado de D. José, procurando estabelecer uma nova organização e dinâmica pedagógica. Começadas na década de 60 com a reforma do ensino menor, em que o Estado chama a si a responsabilidade do ensino,

culminam no início da década seguinte com a reforma da Universidade de Coimbra (1770-72). A Reforma Pombalina da Universidade foi pensada e estruturada com a finalidade de sintonizar Portugal com as ideias 'iluminadas' da Europa e encaminhá-lo na direcção do conhecimento científico e do desenvolvimento económico. Tinha como objectivo maior a formação -em termos científicos, técnicos e administrativos e também religiosos- de quadros dos vários sectores do funcionalismo público que dessem sustentação aos interesses económico-administrativos do país. O ensino das ciências em geral, e das ciências exactas em particular, é estruturado e ministrado em moldes completamente novos, sendo para isso criadas as novas faculdades de Matemática e de Filosofia Natural e reformada radicalmente a de Medicina[1].

Em 1773, JAC é nomeado professor da cadeira de Geometria (1.º ano) da faculdade de Matemática[2]. Aí ministrará essa cadeira durante 5 anos até 1778, ano em que é preso pela Inquisição. Na sua casa de Coimbra reunia amiúde em tertúlias literárias vários amigos e estudantes, tendo à disposição, à mesa, livros proibidos deixados pelos livreiros, numa espécie de consignação *avant la lettre*, à espera da leitura e, sobretudo, da compra [VILLALTA, 2012, p. 791]. Este grupo dilecto de amigos e discípulos, conjuntamente com outros que já traz de Valença e ainda de outros que depois, na década de 1780, cultivará na Casa Pia, constituirá o núcleo guardião da sua memória científica e literária. Muito deve a este grupo de amigos a publicação da sua obra maior, os *Principios Mathematicos* (Lisboa, 1790), só realizada postumamente. É também a um destes amigos, João Manuel d'Abreu (1757-1815), que se deve a tradução francesa *Principes Mathématiques* (Paris, 1811). Entre os amigos de Coimbra *«estavam os irmãos Sousa Coutinho»*[3], João Paulo Bezerra Seixas (1756-1817), amigo dos tempos de Valença, e D. José Maria de Sousa (1758-1825), 5.º Morgado de Mateus, seu aluno na faculdade de Matemática[4]. Anos mais tarde D. José Maria irá orgulhosamente definir-se como *'le premier gentilhomme licencié en mathématiques'*. A este sentimento não é alheia a influência de José Anastácio, seu mestre naquela Universidade. A afeição de D. José Maria pela memória de JAC levará à recolha e colecção ao longo dos anos dos seus papéis e escritos, tendo sido esboçadas várias tentativas de lhe editar as obras completas, o que não vem a acontecer por motivos que hoje se desconhecem[5].

O Projecto Anastaciano, interdisciplinar, que hoje se desenvolve no âmbito dos Fundos Setecentistas do Arquivo da Casa de Mateus[6], tem como objectivo promover uma investigação historiográfica que explore a informação aí existente relativa a JAC, as conexões entre várias instituições científicas ou de ensino (por exemplo, Colégio dos Nobres, Universidade de Coimbra,

---

[1] Os Estatutos Pombalinos da Universidade de Coimbra (1772) dedicam o seu 3º volume a estas 3 faculdades de 'Sciencias Naturaes'. O 1º é dedicado é faculdade de Teologia e 2º às faculdades de Leis (Direito Cívil) e de Canônes (Direito Canónico), que também são profundamente remodeladas.

[2] O curso mathematico organizava-se em 7 cadeiras (4 da Faculdade de Matemática e 3 da Faculdade de Filosofia) distribuídas por 4 anos lectivos: 1º ano: Geometria + Filosofia Racional e Moral + História Natural; 2º ano: Álgebra + Física Experimental; 3º ano: Foronomia (Física-Matemática) e no 4º ano: Astronomia. Havia ainda uma cadeira anexa de Desenho e Arquitectura, que poderia ser frequentada no 3º ou 4º ano.

[3] D. Rodrigo de Sousa Coutinho, Conde de Linhares (1745-1812), foi diplomata e desempenhou vários cargos governativos na regência de D. João VI; D. José de Sousa Coutinho (1757-1817), foi clérigo e diplomata; D. Domingos António de Sousa Coutinho, Marquês do Funchal (1760-1833), foi diplomata.

[4] D. José Maria, que foi militar e diplomata, é principalmente conhecido pela sua monumental edição crítica dos Lusíadas (Paris, 1817), de Luís de Camões, em cuja leitura e análise tinha sido introduzido por JAC (veja-se GALLUT [1970, p. 342]).

[5] Em 2013 foi publicado com base num manuscrito inédito de D. José Maria sobre a vida de JAC: *Anecdotas de J. A. d. C.: reminiscências de D. José Maria de Sousa, Morgado de Mateus, sobre o Mestre e Amigo José Anastácio da Cunha*, Vila Nova de Famalicão: Húmus, 2013.

[6] O projecto intitula-se *'MAT2: MATemática nos Fundos Setecentistas do Arquivo da Casa de MATeus'* e é a continuação de outro que se organizou em 2005 em torno de uma série de manuscritos inéditos de JAC descobertos no Fundo Barca-Oliveira do Arquivo Distrital e Biblioteca Pública de Braga. Este fundo reúne o espólio de António de Araújo e Azevedo, Conde da Barca (1754-1817), também um coleccionador dos manuscritos de José Anastácio (veja-se RALHA [2006]).

Academia de Ciências de Lisboa, Casa Pia) e a aplicabilidade das Ciências (nas suas várias disciplinas e, em particular, da Matemática) portuguesas no século XVIII.

Nesta comunicação iremos focar-nos num trabalho em curso sobre uma série de documentos referentes à participação de JAC no projecto Casa Pia do Intendente Diogo Inácio de Pina Manique (1733-1805).

2. O PROJECTO DA CASA PIA DE LISBOA

Pina Manique é uma figura algo polémica na historiografia portuguesa dos finais do século XVIII; como Intendente Geral da Polícia procedeu a uma série de melhoramentos especialmente em Lisboa (iluminação pública, edificação do teatro lírico, etc.) e ergueu uma obra de cariz caritativo e de formação profissional que ainda hoje perdura -a Casa Pia de Lisboa-; por outro lado, obcecado em proteger o Estado, a Igreja, a ordem pública e os bons costumes, empreendeu um controlo despótico, quase autocrático sobre a população, combatendo com afinco as ideias liberais[7]. Mas como muito bem observa Adérito Tavares, Pina Manique foi um homem do seu tempo, *«um tempo de mudança, uma época situada entre dois mundos: o mundo das sociedades tradicionais, do Antigo Regime, e o mundo das novas sociedades industrializadas, liberais e burguesas»* [TAVARES, 1990)].

Formado em Leis pela Universidade de Coimbra em 1758, Pina Manique desempenhará vários cargos político-administrativos durante o consulado do Marquês de Pombal, de quem se torna um colaborador de confiança, com destaque para a Superintendência Geral dos Contrabandos e Descaminhos dos Reais Direitos, que assume em 1774. Já depois da morte de D. José e queda do Marquês é nomeado por D. Maria I, em 18 de Janeiro de 1780, Intendente Geral da Polícia da Corte e do Reino, cargo que ocupará até Março de 1803.

A Intendência Geral da Polícia tinha ampla e ilimitada jurisdição em matéria de polícia sobre todos os Ministros Criminais e Civis. Era da sua competência o policiamento do reino, a vigilância e controle dos desvalidos, delinquentes e pessoas de mau procedimento, bem como a entrada e saída de estrangeiros no país tanto por via terrestre como marítima. Em 15 de Junho de 1780 uma série de competências deste organismo são reforçadas no que diz respeito à segurança higieno-sanitária e à vida quotidiana em Lisboa, conferindo na prática um poder quase total ao Intendente Pina Manique. É precisamente no contexto da transferência das competências sobre a administração sanitária da Câmara de Lisboa para a Intendência Geral da Polícia que Pina Manique irá idealizar o projecto da Casa Pia.

O seu objectivo parece ter sido o de criar uma instituição, à semelhança de outras que iam sendo criadas em outros países europeus, inspiradas nos ideais humanistas do Iluminismo, da dignidade do ser humano, que funcionasse como um espaço de regulação social, de cariz assistencial e pedagógico e não tanto como prisão.

A Casa Pia de Lisboa será então criada por alvará régio em 20 de Maio de 1780, para receber crianças órfãs e de famílias pobres, bem como jovens abandonados (ambos os sexos) com o fim de os educar, além de mendigos e prostitutas, ficando instalada no Castelo de S. Jorge. A sua inauguração solene é realizada em 29 de Outubro desse ano, com D. João Carlos Bragança Sousa e Ligne, Duque de Lafões (1719-1806), um dos fundadores da Academia das Ciências de Lisboa (1779), que discursará sobre a utilidade deste tipo de estabelecimentos. Em 1782 a instituição recebe apoio régio passando a designar-se por Real Casa Pia de Lisboa.

Embora num primeiro momento Pina Manique tivesse idealizado a Casa Pia apenas para a cidade de Lisboa, rapidamente envida esforços para que o modelo se replique em outros pontos do país,

[7] Sobre Pina Manique, vida e obra, ver NORTON [2004] e ABREU [2013].

> outras iguais [casas pias] em que hajam colégios para neles se aplicarem alguns rapazes às ciências que se encaminham a fazer um homem perfeito Oficial da Marinha, de Engenharia, de Artilharia [...] e hajam igualmente conservatórios e casas de educaçãp para orfãos de ambos os sexos em quem se ensinem as Artes Fabris, as manufacturas (Pina Manique ao Arcebispo de Tessalónica, 1782, citado em Santos [2001, p. 132]); casas em que se reprimeria a prostituição de um e outro sexo (Pina Manique ao ministro Martinho de Melo e Castro, 1786, citado em Santos [2001, p. 132]).

Para o acolhimento de toda esta população diferenciada a Casa Pia de Lisboa é organizada em vários espaços. A *Gazeta de Lisboa* ao relatar a visita que a Rainha faz à instituição em 3 de Abril de 1782 dá-nos uma boa imagem das instalações do Castelo:

> Na casa de educação dos meninos, denominada de Santo António, entraram na Aula de Desenho [...] louvando o professor pela boa educação e adiantamento que os seus alunos mostravam em tão pouco tempo; Depois passaram a ver os meninos aplicados a ler e a escrever [...]; Daqui se dirigiram SS. MM. e AA. à casa das Orfans do Recolhimento de Santa Isabel onde examinaram os teares de ã e seda, bordaduras de barnco e ouro, fiações, e outras manufacturas [...]; [...] passaram à casa dos mendigos e viram o asseio com que eram tratados; Depois à casa da fazenda onde examinaram todas as manufacturas de sedas, algodão e lonas; Por fim passaram à casa de Santa Margarida de Cortona, a fim de ver as fiações das mulheres nela reconhidas. Repetidas vezes louvaram SS. MM. ao Intendente dizendo-lhe que continuasse com as suas obras [...] melhoramento das aulas, e do novo colégio, pela grande utilidade que deste estabelecimento se seguia aos seus vassalos (Gazeta Lisboa, 1782, n. XIV, 6 Abril)[8].

O 'novo colégio' referido na notícia é o Colégio de São Lucas Evangelista, destinado a rapazes e que segundo o relatório de Pina Manique ao Ministro do Reino, de 1794, tinha cerca de 185 alunos a estudar latim, francês, inglês, anatomia, desenho, arquitetura, botânica e farmácia [SILVA, 1896, pp. 31-32]. A idealização e a organização deste colégio, consagrado às classes, ditas, científicas, foram da responsabilidade de JAC.

3. O COLÉGIO DE S. LUCAS

A colaboração e assistência de JAC no projecto Casa Pia é algo bem conhecido; de facto sabe-se que foi ele o autor do plano de estudos do Colégio de S. Lucas e que assumiu o cargo de Prefeito de Estudos. Aliás no frontespicio dos seus Principios mathematicos pode ler-se *«para instrução dos alunos do Colégio de São Lucas, da Real Casa Pia do Castelo de São Jorge»*. Os documentos que têm vindo a ser encontrados no arquivo da Casa de Mateus vêm precisar o âmbito dessa colaboração.

Um dos aspectos interessantes que a nova documentação traz a lume é informação mais precisa sobre o processo de elaboração desse plano curricular (disciplinas, respectivos conteúdos, livros), bem como o funcionamento (tempos lectivos, cargas horárias, etc.) do Colégio.

Outro ponto interessante prende-se com as possíveis origens de tal colaboração. Notemos que em 1780 JAC se encontrava ainda recluso no convento da Nossa Senhora das necessidades do Oratório e que quer JAC quer Pina Manique iniciaram os seus estudos nos Oratorianos; embora não tendo sido contemporâneos tiveram com toda a certeza vários professores em comum, com quem

[8] Para informação mais detalhada sobre as diferentes repartições da Casa Pia ver SILVA [1896, pp. 31-32].

sabemos que JAC tinha fortes relações de amizade. É também plausível admitir-se que a comutação da pena de JAC se deva em parte a Pina Manique já que, em finais do ano de 1780, JAC redige o pedido de perdão e em 23 de Janeiro de 1781 obtém resposta favorável.

No arquivo de Mateus existe um documento (s.d.) onde se pode ler: "Pois é vontade de V. Senhoria que eu lhe exponha o que me ocorrer acerca da patriótica (e tão nobremente imaginada!) fundação dos estudos da Casa Pia. Eu o farei, pronta e francamente, apesar do justo conhecimento que tenho da minha insuficiência"[9] JAC propunha duas classes de formação: uma menor, destinada a um ensino das primeiras letras, contas e desenho; e uma maior destinada a um ensino técnico-científico de nível superior, a ministrar no Colégio de S. Lucas: "Parece-me absolutamente necessário um Colégio, Faculdade, ou corpo Académico [...]";onde funcionaria:

> um Curso de Matemática rigoroso e completo e que haja de durar os anos que com a experiência se achar mais conveniente. [...] um Curso de Filosofia Natural, que conste de História Natural, Física experimental e Química. [...] um Curso de Prática de Geometria e Navegação. [...] um Curso de Engenharia e Artilharia. [...] os Artistas estudem a Filosofia Natural e a Prática da Geometria e sejam a exercitar dois anos na arte a que se destinam (Arquivo Mateus).

O *Curso Mathematico* seria composto por 3 disciplinas: "Matemática Pura" (que compreendia, "Aritmética, Geometria Teórica, Geometria Prática, Trigonometria, Álgebra Elementar, Cálculo [infinitesimal]"), "Mecânica e Óptica"; e ainda "Astronomia e Pilotagem"; haveria ainda 2 disciplinas acessórias que compreendiam a "Fortificação [engenharia] e Artilharia" e o "Desenho".

Num outro documento são também apresentados os nomes dos professores para as diferentes disciplinas. Muitos deles são do círculo de amizades de JAC, como por exemplo João Manuel de Abreu, Vicente António de Oliveira ou Custódio Gomes Vilas Boas. Na lista de eventuais professores não consta o nome de JAC; este assumiria, por vontade de Pina Manique, a função Prefeito dos Estudos, uma espécie de director pedagógico a quem, de resto, também se atribuía o dever de substituir qualquer outro professor, no caso destes se encontrarem impedidos de dar as aulas.

Para além das disciplinas e seus professores, são também propostos livros e instrumentos. É interessante notar que até um observatório astronómico foi previsto para as aulas práticas de astronomia, a equipar com "um Pêndulo astronómico, um instrumento de passagens, um quadrante astronómico com todo o seu aparato e um telescópio acromático com micrómetro". A Casa Pia teria ainda um laboratório químico, uma botica e um hospital.

Também no que se refere ao calendário escolar, às horas lectivas, e até às condutas dos professores e alunos, tudo foi mais ou menos pensado e previsto nas "Regras para os Estudos e Colégio da Casa Pia de Lisboa"; qualquer omissão, JAC aconselhava que "o que julgarem necessário ou útil para o adiantamento dos estudantes e das ciências, Os novos Estatutos da Universidade são, neste ponto (como em muitos outros), um modelo bem digno de seguir-se".

4. TENSÕES INSTITUCIONAIS

A criação da Casa Pia de Lisboa insere-se num movimento de institucionalização -que a Reforma Pombalina da Universidade de Coimbra inicia em Portugal- da ciência em geral, nomeadamente da matemática e da astronomia e de consolidação de um ensino de cariz científico e

[9] Num outro documento deste arquivo com uma lista de obras a integrar a biblioteca da instituição são mencionados os 69 volumes das *Philosophical Transactions*; como o volume 69 data de 1779/1780 permitimo-nos supor que a colaboração de JAC com Pina Manique ter-se-á iniciado neste ano.

tecnológico, que caracterizará em grande parte o período mariano-joanino (1777-1826). Como muito bem reflecte Reis Torgal, o ensino neste período "continua a pautar-se estruturalmente pelo modelo pombalino apesar de alguns retrocessos proporcionados pelas reacções de sectores conservadores e do natural desgaste das instituições, devido à situação de instabilidade da vida nacional" [TORGAL, 1984, p. 28]. Muitas das instituições de ensino que serão criadas têm uma matriz semelhante à dos cursos científicos da Universidade -Academia da Marinha (1779), dos Guardas-Marinhas (1782), Academia de Fortificação, Artilharia e Desenho (1790), Real Corpo de Engenheiros (1790-3), Academia da Marinha e Comércio da cidade do Porto (1803)-.

Sabemos que durante as décadas de 1780 e 1790 houve fortes tensões entre as academias da marinha e dos guardas-marinhas [FERREIRA, 2014], tensões entre alunos com a Casa Pia e com a própria Universidade de Coimbra. Sabemos também que o surgimento (1779) de uma Academia das Ciências, em Lisboa, é recebido com alguma resistência por parte da Universidade de Coimbra, que a encara como rival; circulam inclusive cartas anónimas contra a nova instituição [SANTOS, 1985, pp. 312-323]. Em parte estes conflitos são reflexo dos tempos que marcaram os primeiros anos do reinado de D. Maria após a queda de Pombal, a chamada "Viradeira".

Neste contexto interessa-nos estudar com particular atenção o aparecimento em cena do Colégio de S. Lucas, pensado e estruturado para fornecer um ensino de nível superior, e que pelo menos com os objectivos iniciais teve uma vida efémera: "[papeis] que eu guardo [...] como monumentos preciosos da util obra que o Intendente começou e que os que deviam ajudá-lo destruíram"[10]. Muitos alunos casapianos irão depois seguir os estudos em instituições de ensino superior, caso das academias militares ou até mesmo da Universidade; outros há que irão com bolsas de estudo estudar medicina para Copenhaga, ou Edimburgo e outros ainda, belas-artes e arquitectura para Roma.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Num âmbito geral o estudo que estamos a desenvolver permitirá, certamente, uma melhor compreensão dos aspectos institucionais (vida interna/inter-relações), no contexto científico-tecnológico da Ilustração portuguesa. Ou seja, permitir-nos-á uma melhor comprensão, mais detalhada e precisa das origens e das marcas do movimento científico-tecnológico e pedagógico setecentista português, no sentido de estabelecer possíveis características identitárias dessa mesma Ilustração.

Especificamente o trabalho no arquivo da Casa de Mateus prossegue com vista a identificarmos toda a documentação aí existente referente a Anastácio da Cunha e sua relação directa com a fundação da Casa Pia. O estudo comparativo dessa documentação com outra existente noutros arquivos nacionais será a fase seguinte. Estamos convictos que num futuro próximo poderemos traçar um quadro mais preciso da história da fundação desta instituição e do seu contexto. Para isso olharemos com especial atenção para a biografia dos primeiros professores; para a identificação dos alunos\matemáticos que frequentaram o Colégio de S. Lucas e seu posterior trajecto de vida; para a inventariação e análise da biblioteca original da Casa Pia; para a inventariação dos instrumentos científicos (com especial destaque para o papel desempenhado na sua aquisição por João Jacinto Magalhães (1722-1790), que à data vivia em Londres e que vinha colaborando com as autoridades e várias instituições portuguesas na compra de instrumentos científicos junto dos fabricantes londrinos).

[10] Carta (1785) de JAC a João Manuel de Abreu, in TEIXEIRA [1890-91].

BIBLIOGRAFIA

ABREU, L. (2013) *Pina Manique, Um Reformador no Portugal das Luzes*, Lisboa.

ESTRADA, M. F. (2006) "José Anastácio da Cunha: Vida e Obra". Em: M. E. Ralha *et al.* (eds.) *José Anastácio da Cunha. O Tempo, as Ideias, a Obra...*, Braga, 99-129.

FERREIRA, N. (2014) *A institucionalização do ensino da náutica em Portugal (1779-1807)* (Tese de doutoramento em História dos Descobrimentos e da Expansão, FLUL).

FERRO, J. P. (1987) *O Processo de José Anastácio da Cunha na Inquisição de Coimbra 1778*, Lisboa.

GALLUT, A. (1970) *Le Morgado de Mateus, Editeur des Lusíadas*, Lisboa.

NORTON, J. (2004) *Pina Manique Fundador da Casa Pia de Lisboa*, Lisboa.

PINTO, H. (2013) *A matemática na Academia Politécnica do Porto,* Lisboa, Universidade de Lisboa (Tese doutoramento em História e Filosofia das Ciências, FCUL).

RALHA, M. E. (2006) "O Projecto 'Anastaciano'". Em: M. E. Ralha *et al.* (eds.) *José Anastácio da Cunha, O Tempo, as Ideias, a Obra...*, Braga, xi-xx.

SANTOS, M. L. (1985) *Intelectuais Portugueses na 1ª metade de Oitocentos*, Lisboa.

SANTOS, M. J. M. (2001) "A Real Casa Pia de Correcção e Educação do Porto, 1792-1804". *Historia*, série III, v. 2, 129-144.

SILVA, C. (1896) *Real Casa Pia de Lisboa*, Lisboa.

SUÁREZ, X. G, (2008) *Da Cunha Matemático, poeta y hereje,* Madrid.

TAVARES, A. *et al.* (1990), *Um Homem entre Duas Épocas*, Lisboa.

TEIXEIRA, A. J. (1890-1891) "Questão entre José Anastasio da Cunha e José Monteiro da Rocha". *Instituto*, v. 38.

TORGAL, L. R., VARGUES, I. (1984) *A revolução de 1820 e a instrução pública,* Porto.

VILLALTA, L. C. (2012) "As Reformas Pombalinas, os livros para a instrução e as práticas de leitura". Em: *Actas do IX Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação*, Lisboa, 787-791.